

DESIDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO: PERFORMATIZANDO A LISTA DE PRESENÇA¹

Nicholas Gomes Viana de Oliveira²
Naira Neide Ciotti³

RESUMO: Esta pesquisa se propõe a debater a desidentificação (MUÑOZ, 1999) de gênero que se faz presente no contexto escolar e que pode ser revelada por meio de algumas estratégias diferenciadas no ensino de teatro. Sugere-se a reflexão acerca das possibilidades de discussões sociais, sobretudo, políticas no momento da identificação por meio da lista de presença da sala de aula. No meio artístico em geral, bem como em grupos de teatro e elencos cinematográficos, é comum utilizar para a identificação do profissional o seu nome artístico. Essa prática, muitas vezes batizada pela própria artista, possibilita a liberdade para escolher como prefere ser chamada/reconhecida. Pensando na pluralidade da sala de aula, na diversidade de gênero existente na sociedade, no ensino de teatro como um espaço de reconhecimento dessas identidades e, principalmente, no respeito às diferenças, apresento um relato de experiência pedagógica que possibilita reflexões acerca das questões de gênero mediante uma lista de presença performatizada. A importância da promoção de reflexões a respeito de tais assuntos não pode ser negada, sendo o teatro, as Artes Cênicas, entendidas como o meio que promovem esse estudo. Mesmo que haja engates políticos para acanhar tais discussões, a performance como estratégia, vem para que o conhecimento se sobrepuje a ignorância.

PALAVRAS-CHAVE: performance; performatividade gênero; desidentificação; ensino;

GENDER DESIDENTIFICATION: PERFORMATIZING THE PRESENCE LIST

187

ABSTRACT: This research proposes to debate disidentification (MUÑOZ, 1999) of gender that is present in the school context and that can be revealed through some differentiated strategies in theater teaching. It suggests a reflection on the possibilities of social, especially politic, discussions at the moment of identification through the classroom presence list. In the artistic environment in general, as well as in theater groups and cinematographic casts, it is common to use his or her stage name to identify the professional. This practice, often baptized by the artist herself, allows the freedom to choose how she prefers to be called / recognized. Thinking about the plurality of the classroom, the gender diversity present in society, theater teaching as a space for the recognition of these identities and, mainly, respecting differences, I present a report of pedagogical experience that allows reflections on gender issues through of a performatized presence list. The importance of promoting reflections on such subjects cannot be denied and the theater, the Performing Arts, are understood as the means that promote this study. Even if there are political hitches to narrow these discussions, performativity as a strategy, plays its role so that knowledge surpasses ignorance.

KEYWORDS: performance; gender performativity; disidentification; teaching;

1 Comentários ao editor: Esse trabalho foi apresentado como resumo expandido em II Seminário Internacional Arte/ Gênero/ Ensino da Universidade Regional do Cariri (URCA) em 2019. Classificada como pesquisa em andamento, o texto original proposto ao seminário foi modificado no processo de descobertas da pesquisa e apresentado como artigo na revista O Mosaico.

2 Mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: nickteatro@hotmail.com

3 Profa. Dra. Da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: nairaciotti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Como as pessoas se relacionam consigo e com as outras perante os desafios da vida e a singularidade nas diferentes maneiras com que cada uma se expressa, costuma partir de como cada sujeito se constitui, se identifica. Por exemplo, o nosso nome nada mais é do que a maneira como nós nos reconhecemos, é a nossa identificação. No entanto, para o escritor José Muñoz em seu livro *Disidentifications: Queers of color and the performance of politics*:

The fiction of identity is one that is accessed with relative ease by most majoritarian subjects. Minoritarian subjects need to interface with different subcultural fields to activate their own senses of self. This is not to say that majoritarian subjects have no recourse to disidentification or that their own formation as subjects is not structured through multiple and sometimes conflicting sites of identification (MUÑOZ, 1999, p. 5).⁴

Refletindo sobre a diversidade de gênero, nas várias subjetividades e no complexo e sensível processo do reconhecimento de si, quero acautelar para a importância de uma escrita pluralizada e flexível que represente todas, todos e todes no intuito de validar as desidentificações e de não reproduzir apenas pronomes de gênero que reforçam a “norma” cisheteronormativa que conceitua a existência apenas do masculino e do feminino, sendo ainda o masculino hegemônico na escrita. No presente artigo, utilizarei o artifício *ile*⁵ como manifeste de uma comunicação inclusiva. De antemão, mesmo que haja um estranhamento na leitura, deixo aqui o convite para que se reflita acerca de uma inclusão que represente as pessoas não binárias e que prefencie o artigo feminino.

Algumas vezes o nome não representa a real maneira que o indivíduo se identifica. Como é o caso do nome civil destinado às pessoas transexuais. Existe certa diferença nos conceitos sobre o nome civil e o nome social. No caso do nome social é que este pode ser definido como um nome civil que não aderiu à personalidade da pessoa natural, portanto é o prenome que é utilizado publicamente distinto do nome civil de quem o utiliza. É permitido às pessoas transexuais e, como apresentarei nesse artigo: na vida escolar, quando por

4 A ficção da identidade é aquela que é acessada com facilidade pela maioria dos sujeitos majoritários. Os sujeitos minoritários precisam interagir com diferentes campos subculturais para ativar seus próprios sentidos. Isso não quer dizer que os sujeitos majoritários não tenham relatado a desidentificação ou que sua própria formação como sujeitos não esteja estruturada através de múltiplos e, às vezes, conflitantes locais de identificação. (MUÑOZ, 1999, p. 5) Tradução nossa.

5 [Diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/](https://diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/)

exemplo, uma aluna não quer ser chamada por seu nome civil. Desse modo difere-se nome social de apelido, pois se assim fosse em praticamente todos os atos da vida seria permitido que todos fossem chamados por seu apelido, sendo a distinção máxima a falta de aderência do nome civil à personalidade da pessoa natural. A necessidade de ser reconhecida por um nome que represente a especificidade do gênero é de extrema importância no processo de representatividade do sujeito. Como explica Daniela Barros Torres e Luciana Fontes Vieira, em seu artigo “As Travestis na escola: entre nós e estratégias de resistência”, falam que:

Assim, dentre outras estratégias, a norma de gênero se respalda nas regras gramaticais, na estruturação de nossa língua, em que o nome próprio funciona como elemento de subjetivação ao esquadrihar, controlar os corpos, oferecendo um registro numérico e nominal, que indica proveniência e os marca (TORRES; VIEIRA, 2015, p. 52).

Um exemplo que pode ser dado é o das transexuais em que o fato de serem chamadas por seu nome civil causa constrangimento e exposição notoriamente constante ao ridículo, dado que o nome civil não representa a pessoa natural. Observando essa problemática, percebemos que dentro de um processo de desidentificação de gênero, o sujeito que possui um nome social que não a representa, passa constantemente por um processo de opressão do seu próprio eu. Essa pesquisa objetiva relatar e propor uma atitude pedagógica diferenciada, baseada numa proposição inclusiva, que contribui para um espaço educacional mais humano e sensível às questões de identidades de gênero.

O EXERCÍCIO DO PROFESSOR-PERFORMER

Em minhas experiências como professor de teatro da rede básica de ensino, ministrei aulas para crianças, jovens e adultos em três escolas diferentes na cidade de Natal/RN. Apesar de apresentarem distintas propostas pedagógicas e metodológicas, uma atitude enquanto professor-performer (CIOTTI, 2009) se repetiu em todas elas, a de *performatizar* a lista de presença, ou de chamada, com o intuito de reconhecer as alunas, alunos e alunas como eles assim desejarem. Considerando o ensino em performance como uma atitude pedagógica que possibilita a expressão dos afetos e do processo de desidentificação, cito a pesquisadora Naira Ciotti que em seu livro *O professor-performer* relata:

A palavra performance refere-se a uma forma artística existente. A performance, como a vida e toda a experiência, é complexa. À medida que vamos adquirindo instrumentos para ler a performance, passamos a nos dar conta de que esse fenômeno é múltiplo, polissêmico e misturado. Mesmo o pintor mais convencional usa seu corpo. Somos todos performers no sentido geral, mas existem diferenciações. O artista se apropria da performance no sentido de ruptura com padrões tradicionais da arte. E eu, enquanto professor, me aproprio da palavra performance para falar de uma atitude pedagógica diferenciada. Não só corpo voz e lugar estão imbricados, como também, nessa forma de ver a performance, está implícita uma preocupação pedagógica (CIOTTI, 2014, p. 62).

Um exemplo de mudança de nome, segundo a personalidade, é o do nome artístico, cuja prática é comum entre les artistes que costumam se apresentar e realizar assinaturas utilizando o título que a represente. Segundo o site da Jusbrasil⁶, podemos entender que o nome artístico é utilizado de uma maneira que identifique as pessoas e/ou suas obras perante o público. Isso quer dizer que o nome artístico não significa ser o nome real e verdadeiro, no entanto muitas artistas utilizam um pseudônimo, como é o caso de Maria das Graças Meneghel: “Xuxa”⁷. Em alguns casos o nome artístico e o nome próprio coincidem, então não há dificuldades quanto à sua identificação, mas quando é diferente e as pessoas a conhecem pelo pseudônimo, que já está arraigado à sua personalidade, incumbirá um procedimento judicial para o acréscimo, caso assim preferir le artiste, principalmente para preservá-lo. Por meio de processo judicial, embora se reconheça a imutabilidade do prenome, poderá ser agregado o pseudônimo ao nome real, havendo a mudança ou a alteração.

Dentro dessa perspectiva, professores de artes podem realizar o exercício do nome artístico, assegurado pelo direito de pseudônimo, para que les alunes sejam identificadas segundo sues performatividades. E foi o que eu fiz. Acredito que em algumas situações a professora só precisa atrelar o conhecimento, à sensibilidade e uni-los com a criatividade. Em sutis ações, podemos estar dando grandes passos em direção a resolução do problema da invisibilidade e exclusão de pessoas que vivem o processo de desidentificação.

⁶ Disponíveis em: ifg.jusbrasil.com.br – acessado em 28 de novembro de 2017 às 06:49

⁷ É uma apresentadora, atriz, cantora pop infantil, empresária, filantropa e modelo brasileira. Duas vezes vencedora do Grammy Latino de melhor álbum infantil, é conhecida mundialmente pelo epíteto de Rainha dos Baixinhos. (<<Nunca houve uma mulher como Xuxa>> Revista Veja. Ricardo Valladares, 27 de março de 2002.)

Mesmo que de maneira informal, implementei junto a lista oficial de frequência, os nomes artísticos escolhidos por cada alune. Portanto, aquela aluna que porventura tenha o nome civil registrado como José Daniel Rocha, poderá ser reconhecida perante o professor e a turma como “Dani Rocha”. Uma iniciativa capaz de gerar uma reação muito significativa e positiva, especialmente, para aquele alune que hipoteticamente venha a passar por constrangimento todos os dias na sala de aula por não ser identificada pelo nome que possui. Dani Rocha, apesar de ser um nome fictício aqui dentro desta escrita, é um exemplo de um relato real presente na minha trajetória como docente, sendo um relato que se configura como atual nas diferentes realidades das escolas brasileiras.

OBSERVAR COM SENSIBILIDADE

Figura 1: Colagem digital - Toni Braxton yaearbook performer photo from school - Nick Oliver, 2020.



A seguir, relatarei momentos de observações sensíveis que podem fazer parte do processo pedagógico de muitos professores que são artistas. Observando uma aluna sentada no final da sala de aula, acanhada, ela sempre colocava a mochila a sua frente de uma forma que mais parecia uma barreira entre ela e as demais, um campo magnético que

ilusoriamente a proteção da turbulência que é a vida escolar. Essa aluna, que nesse relato a chamarei de “Dani”, me despertava muito a atenção por sempre ir à escola com o rosto levemente maquiado e usando calça jeans apertada que desenhava seu corpo esguio. Dani na época devia ter 16 ou 17 anos, garota negra com os cabelos que me lembravam uma foto de escola que vi da cantora norte-americana Toni Braxton. Além do estilo considerado socialmente como feminino e o jeito introspectivo da tal aluna, a performatividade dos gêneros sempre foi um tema que me interessou enquanto pesquisador, o que me fez investigar ainda mais a singularidade de Dani. Sei que não seria uma missão fácil aproximar-me daquela aluna que se sentava na última fileira da sala, perto das meninas e que não parecia receptiva ao diálogo. Toda via, o meu papel de professor-performer que luta por uma educação inclusiva, me fazia ainda mais sensível ao processo de desidentificação daquela aluna.

El término desidentificación apunta a describir las estrategias de supervivencia que pone en práctica el sujeto que pertenece a una minoría con el fin de negociar con una esfera pública fóbica mayoritaria que todo el tiempo acalla o castiga la existencia de sujeto que no se ajustan al aspecto de la ciudadanía normativa. (MUÑOZ, 2011, p. 557).⁸

Segundo Muñoz, o processo de desidentificação é uma estratégia de sobrevivência dos grupos minoritários. Não pertencer a uma normatividade binária e hegemônica faz com que esses corpos dissidentes sejam silenciados e tenham seus direitos negados. Nesse sentido, desidentificar-se é resistir por meio de diversas performatividades que constituem uma única pessoa. Em uma perspectiva democrática, não somos obrigados a sermos apenas isso ou apenas aquilo, mas, se assim for, devemos ser respeitadas pelo que nós somos.

Certa vez eu estava sentado na sala de espera de um banco quando o atendente chamou por Francisco Cosme de Paiva – nome fictício para elucidar o ocorrido – e, ao invés de levantar um senhor barbudo vestindo um conjunto brega de camisa com listras pretas e brancas ensacada numa bermuda de poliéster de cor marrom, aproxima-se do balcão de atendimento uma mulher esbelta de longos cabelos negros, calça jeans rente ao corpo,

⁸ O termo *desidentificação* visa descrever as estratégias de sobrevivência praticadas pelo sujeito pertencente a uma minoria, a fim de negociar com uma esfera pública fóbica majoritária que silencia ou pune a todo momento a existência de um sujeito que não esteja em conformidade com o espectro de Cidadania normativa. (MUÑOZ, 1999) Tradução nossa.

uma blusa de cetim vermelha com corte a mostrar os ombros e um salto escarpam branco. Apesar de estar vestida com um *look* de chamar atenção pelo bom gosto, era notável pela postura corporal: a cabeça baixa, usando os cabelos para esconder o rosto, os braços cruzados com as mãos segurando os cotovelos, que aquela mulher estava extremamente incomodada pela exposição negativa causada por um anúncio, talvez insensível, e que, provavelmente, não correspondia à sua identidade de gênero.

Após assistir distante aquela cena, não pude deixar de me aproximar da questão e de refletir a respeito do “tudo” que um nome que não representa o sujeito significa na sua qualidade de vida. Imaginei os inúmeros processos de exposição que aquela pessoa passa diariamente em filas de banco, em salas de espera de postos de saúde, em ambientes profissionais. Talvez esse processo de negar a incoerência entre a identidade da pessoa e o gênero que a essa se constitui, abdique-a de recorrer a vários direitos na fuga para evitar o constrangimento.

Não reconhecer as alunes e respeitá-les pela performatividade de gênero e a desidentificação que eles possuem, está diretamente relacionado ao seu desempenho e, às vezes, evasão da sala de aula. Essa consequência acarreta diversos problemas sociais e econômicos na vida do indivíduo. No texto *Direito à adequação do nome do transexual no ambiente escolar*, Vieira e Neto apontam que:

Considerando que o bullying e a discriminação afloram a vulnerabilidade do transexual no ambiente escolar, há que se trabalhar mais com a valorização da diferença, numa abordagem sociocultural da sexualidade. É o que defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais ao proporem que se discuta, em sala de aula, a Pluralidade Cultural e a Orientação Sexual: “o trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho” (BRASIL, 1997, p.81). Somente a discussão dessas questões permitirá que os indivíduos desvencilhem-se de preconceitos e passem a compreender que todos são seres singulares e devem ser respeitados (VIEIRA; NETO, 2015, p. 5).

É nesse contexto de educação inclusiva e respeito às diferenças que professores possuem um papel fundamental na proteção a expressão de alunes, assegurando a liberdade de exercerem suas performatividades no âmbito escolar. Desse modo, a escola tem um papel fundamental dentro de uma perspectiva transformadora. Performatizar a lista de presença surge como uma ação pedagógica diferenciada que inclui democraticamente

e que transforma a realidade escolar, porém não é só nas aulas de artes os direitos de inclusão devem ser assegurados. A educação, de forma geral, deve e precisa se colocar perante uma supremacia normativa e opressora, a fim de abrigar as desidentificações de grupos minoritários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Avaliando os resultados e efeitos causados após a performatização da lista de presença, trago como exemplo a disciplina de Maquiagem Cênica, componente curricular existente em uma das escolas que lecionei. No processo final da disciplina, é realizado uma mostra em forma de desfile de alguns resultados obtidos por alunes durante o curso. Esse momento, o nome de cada alune é apresentado para a comunidade escolar e convidadas externos seguido da demonstração do modelo de maquiagem criado por eles.

Imaginamos que: se por acaso a professora não exercesse a sensibilidade de, democraticamente, reconhecer suas alunes como desejam ser reconhecidas levando em consideração suas subjetividades, provavelmente haveria um momento de constrangimento muito significativo para aqueles alunes que vivem o processo de desidentificação de gênero. Anunciar o nome escolhido pela própria alune faz daquele momento um instante quase que apoteótico, re-significando o desfile de maquiagens para um estado de empoderamento que por muito tempo foi/é negado. Contudo, no contexto de desidentificação, as identidades se petrificam por conceitos que muitas vezes não representam a fluidez existente no significado de gênero. Judith Butler, no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, discorre acerca da cultura da identidade de gênero:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir' - isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não 'decorrem' nem do 'sexo' nem do 'gênero'. Nesse contexto, "decorrer" seria uma relação política de direito instituídos pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo certos tipos de 'identidade de gênero' parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformaram às normas da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2003, p.39)

Outro exemplo são os relatos das próprias alunes que, ao avaliarem a disciplina, ressaltaram a relação positiva entre eles a partir do momento que se comunicam usando os nomes artísticos, uma atitude de respeito e afeto com a singularidade do outro.

Vale relatar também que, após tomar essa atitude, um singelo exercício democrático, o professor de educação física de uma das escolas também adotou a sugestão de modificar os nomes das listas de frequências de suas turmas, adaptando o conceito de “nome artístico” para o de “apelido do atleta”. Oportunizar a alune a ser reconhecida com o nome que se identifica à sua personalidade e promover um bem-estar desses sujeitos no cotidiano escolar, é uma atitude possível à docência, seja qual for a área de conhecimento em que este atue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que existe a necessidade de buscar soluções para a triste realidade comum às transexuais, como também àquelas pessoas invisibilizadas que estão fora do conceito de heteronormatividade e que, de alguma forma, sofrem por não pertencerem aos padrões binários exigidos por uma sociedade majoritária. Os dados continuam apresentando o Brasil como o país que mais mata travestis e pessoas trans e, apesar disso, o assunto parece permanecer silenciado nas escolas, embora, essas questões estejam presentes nas salas de aulas. A educação em direitos humanos possui um papel fundamental na busca pela igualdade social e no respeito às diferenças. Os espaços de sociabilidade existentes na escola são responsáveis por troca de afetos que proporcionam possíveis atravessamentos que potencializam a reafirmação dos sujeitos. Cabe ao espaço escolar promover e assegurar atitudes pedagógicas que fortaleçam um compartilhamento democrático.

O exercício performático da lista de presença é apenas um dos exemplos de atitudes democráticas possíveis a professora e que se faz sensível às questões de gênero contidas na escola. Me apropriando do conceito de professor-performer e refletindo acerca de suas maneiras alternativas de ensinar por meio da sensibilização, deixo aqui um convite para se pensar a escola como uma grande obra de arte contemporânea que, além de se julgar a estética virtuosa que se pode apreciar, valoriza também todos os processos secretos escondidos na obra, por acreditar que quem quer aprender e quem quer ensinar

devem se transformar juntas. Em tempos de conservadorismo, o ensino estratégico da arte subversiva se faz mais que necessário para obter possíveis soluções do problema da opressão de gênero. É dentro deste diálogo de respeito e solidariedade para com as inquietações do outro que se solidifica a quebra do preconceito e intolerância entre as diferenças.

Muitas vezes as agressões feitas ao exercício de democracia são cometidas não só pelas próprias alunes, como também pelo corpo docente. Essas atitudes opressoras afetam ativamente o futuro das alunes oprimidas. Ume alune que não se sente bem em ir à escola, que é agredida psicologicamente e as vezes até fisicamente, tem os seus direitos violados e isso a prejudica consideravelmente acarretando talvez em sequelas irreversíveis. Nesse contexto de consequências futuras, me recordo do caso que relatei na fila de espera do banco. Aquela mulher que possivelmente passou por um processo de apagamento do seu próprio eu e que, apesar da resistência em se reafirmar perante sua própria performatividade de gênero, ainda passa por constrangimentos e violações dos seus direitos: sofre ao evitar enfrentar a ida a um sistema de saúde, lida com a situação de não ser aceita pelo que é em determinados empregos ou até em outros ambientes; por isso, ela não deve ser excluída do principal território social de pluralidade: a escola.

196

O papel do professor diante dessa realidade é de transformador. Assim como a modificação da lista de presença para os nomes artísticos nos permite transformar-se, de certo modo, no que desejamos ou precisamos, a performatividade de gênero deveria ser aceita e respeitada. Concluo percebendo que é possível, por meio do conhecimento e da sensibilidade, vencer o preconceito, a intolerância e a violência presentes num espaço que deveria ser exemplo de cidadania e de respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CIOTTI, Naira. **O professor-performer**. Natal/RN: EDUFRN, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MUÑOZ, J. E. **Disidentifications: Queers of color and the performance of politics.** Minneapolis: University of Minnesota Press. 1999.

TAYLOR, D., y M. A. F. (edits). **Estudios avanzados de performance** – México: FCE, Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, 2011.

TORRES, D.B.; VIEIRA, L.F., **As travestis na escola: entre nós e estratégias de resistência,** 2015.

VIEIRA, T.R.; NETO, F.C., **Direito à adequação do nome do transexual no ambiente escolar,** 2015.

Recebido em: 19/06/2020
Aceito em: 31/07/2020